

Entre *A Águia* e *Orpheu*: O Sujeito, a Noite, o Sonho

Raquel Madanêlo Sousa

Universidade Federal de São Paulo

Resumo: A crítica tende a considerar, de maneira geral, a segunda série da revista *A Águia* como uma representante da tradição ou de um neo-romantismo saudosista; e *Orpheu*, por outro lado, como a maior representante do modernismo em Portugal. O objetivo deste artigo será, a partir de uma pequena seleção de textos literários destas duas publicações, confrontar as respectivas produções de modo a refletir sobre a ideia de modernidade suscitada por esses periódicos.

Palavras-chave: 2.^a série de *A Águia*, *Orpheu*, literatura, modernidade

Abstract: Criticism tends to consider, in general, the second series of the magazine *A Águia* as a representative of the tradition or of a nostalgic neo-Romanticism, and *Orpheu*, on the other hand, as the greatest representative of modernism in Portugal. The aim of this article is, by focusing on a small selection of literary texts in these two publications, to compare the productions and to reflect on the idea of modernity raised by these magazines.

Keywords: 2nd series of *A Águia*, *Orpheu*, literature, modernity

Cem anos depois de seu lançamento no Porto, em janeiro de 1912, a segunda série da revista *A Águia* continua a ser um importante objeto para o estudo da cultura e da literatura lusitanas das primeiras décadas do século XX. Criada pelo grupo da Renascença Portuguesa, essa publicação é sempre associada ao movimento Saudosista, o que a torna, do

ponto de vista de grande parte da crítica literária, representante de uma corrente artística definida pelo tradicionalismo estético.

A Águia abrigou textos que abordavam temas variados como a filosofia, a pedagogia, a história, a crítica social; além, é claro, de poesia, prosa e crítica de arte, que ocupavam lugar de destaque no periódico. Discutir a situação da educação e da cultura¹ no Portugal da então recém-proclamada República era preocupação central do grupo responsável pela edição da revista. Por isso, Teixeira de Pascoas, Jaime Cortesão, Raul Proença, António Sérgio, Augusto Casimiro, dentre outros, buscavam propor discussões pedagógicas dentro e fora do espaço deste importante mensário portuense.

Três anos depois do lançamento desta série,² que duraria até 1921, surgia em Lisboa uma outra revista fundamental no cenário cultural lusitano. *Orpheu*, cuja duração limitou-se a 2 números publicados no ano de 1915, foi dirigida, inicialmente, pelo poeta brasileiro Ronald de Carvalho e pelo português Luís de Montalvor. Propondo-se, em seu ensaio de abertura, a ser espaço exclusivo de divulgação de arte, esse periódico não trouxe para o público nenhum ensaio de crítica ou projeto artístico-literário em forma ensaística, ao contrário do que se via nas páginas de *A Águia*.

Após o escândalo que cercou seu lançamento, o segundo número apresentou nova direção e novo formato. Nele, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro figuravam como diretores deste exemplar que contou com nova capa, em estilo mais minimalista e moderno, assinada por Joaquim Pacheco; soma-se a essa preocupação gráfica a reprodução de várias obras do então denominado artista “futurista” Santa-Rita Pintor. Recebida com bastante polêmica pelos leitores e pela crítica da época, a publicação lisboeta foi e é considerada, por toda a crítica, o marco fundador do modernismo em Portugal.

Neste contexto, *Orpheu* é considerada a legítima representante de uma corrente modernista, enquanto *A Águia* estaria condenada a representar o seu oposto, a saber, a tradição normalmente atribuída ao saudosismo e ao neo-romantismo literário decorrente da produção de alguns de seus colaboradores.

De fato, de uma maneira geral, a revista portuense não demonstrava interesse pelas correntes das vanguardas europeias ou por poéticas mais ousadas. E se, por um lado, isso

também não se afirmava ensaisticamente nas páginas de *Orpheu*, por outro, em parte da sua “prática” literária e artística, parafraseando Eugênio de Andrade, havia uma tendência a buscar um diálogo com poéticas mais vanguardistas.

Porém, mesmo que esses dois periódicos se mostrem tão distintos à primeira vista, é possível buscar pontos de aproximação entre eles. Para isso, em primeiro lugar, é preciso ter em conta a própria natureza desses objetos. Como afirma Clara Rocha, em seu estudo sobre as *Revistas Literárias Portuguesas do Século XX*, publicações periódicas são, de maneira geral, criadas como lugares “de afirmação coletiva”, que surgem a partir da reunião de um grupo de pensadores com ideais aproximados; ou, por outro lado, são espaços que possibilitam o encontro de intelectuais que se identifiquem com o projeto daquela publicação. Neste sentido, e sendo, em geral, um espaço coletivo, teremos, dessa maneira, um número variado e variável de colaborações e de poéticas, no caso específico das publicações que abrigam obras artísticas. Ou seja, a segunda série de *A Águia* abriga, sim, vários ensaios de natureza diversa e um grande número de textos sobre o saudosismo e poesias de temática saudosista; mas publica, também, ensaios críticos contrários ao saudosismo e poesias pertencentes a outras propostas que não essa, exclusivamente. O mesmo podemos pensar de *Orpheu*. Se, como já apontaram vários estudiosos, temos nesta publicação o surgimento do modernismo e a divulgação de uma arte de vanguarda em Portugal, temos, por outro lado, um número muito maior de colaborações que denotam a forte presença de poéticas marcadas por traços simbolistas.³

Sendo assim, o que se percebe, na pesquisa com periódicos, é que a variedade de produções e de colaborações encontradas nesse tipo de publicação – mesmo naqueles que se organizam em torno de um determinado projeto, seja literário e artístico ou de outra natureza – torna inviável e diria até imprecisa uma classificação ou categoria teórica que cristalice essa produção dentro de conceitos tão gerais e às vezes abstratos como “saudosista”, tradicionalista ou “modernista”.

É na prática da arte, portanto, que pretendemos verificar em que medida poderíamos apontar para aproximações possíveis entre os periódicos em questão.

Analisando a produção literária de *A Águia* – poesia e prosa –, é possível perceber que há a predominância de algumas temáticas que parecem recorrentes em grande parte da literatura publicada na 2.^a série. Merecem destaque a presença constante de textos que lidam com tópicos como: o vago; o outono; o mistério; os estados de sonho e vigília; imagens crepusculares ou noturnas; fantasmas, seres espectrais, além de espaços e objetos que se desenham nos textos perante a falta, quase total, de contornos bem definidos. Optando, portanto, por uma leitura mais panorâmica, é possível afirmar que estes são alguns dos elementos que constituem a grande maioria dos textos literários desse periódico.⁴

Alguns desses tópicos podem ser encontrados em poesias de Teixeira de Pascoaes como, por exemplo, “A Dor e o Céu”. Nestes versos, o eu lírico, ao rezar, sente uma “Dor” que não parece causar-lhe sofrimento, mas parece ser a razão de ele estar preso à “Terra” e ao “Céu”. “[A] Dor é a única alegria/ A única ventura”, afirma a voz poética que se apresenta aos leitores em construções paradoxais bastantes características da poética pascoaesiana. Do “crepúsculo esbatido” vai surgindo uma “noite” que apavora, e adentra um eu lírico em tormenta: “As noites misteriosas/ E o Sol, astro divino”, “Perdem-se no meu ser em tempestade...”. Em vários outros versos deste poema é visível a presença de um “metaforismo religioso” (Seabra 1979: 161) próximo ao que José Carlos Seabra Pereira destaca na poesia de Alfredo Pedro Guisado. Neste poema, também, além da Dor, de uma natureza de sombras fantasmáticas e de um *eu em sofrimento*, predomina o “vago”,⁵ tema bastante presente na poesia da 2.^a série. Ainda em “A Dor e o Céu”, “Um vago azul fantástico e sem fim/ A sombra da futura Criação...” (Pascoaes 1913: 6-7) é o que existe para além desse sujeito que se questiona a respeito de seu lugar no universo.⁶

Nessa mesma tônica, “O Vago” é o título de alguns versos do poeta Mário Beirão, que foi um dos principais poetas da revista portuense. Como se respondesse à pergunta do eu lírico do poema de Pascoaes, citado anteriormente, a voz poética, então, afirma: “O Vago é o para além do que somos!” (Beirão 1912: 4)

Já em “Ermos”, outro poema de Beirão inserido na 2.^a série, o vago é a junção de um *eu* e de um *outro* que se somam num espaço fantasmático: “Somos o vago, o esparso, névoa que flutua”; inseridos em um ambiente noturno e carregado de terror:

Nem um rumor. Silencio. Uma ave paira,
Azas brilhando, mergulhando em sombra...
Agoiro. O olhar desvaira,
O Medo assombra! (Beirão 1913: 58)

No entanto, esse “eu” se revelava, já nos primeiros versos, como a representação de um sujeito cindido, que trazia em sua memória a lembrança de ter sido “outro”: “Outro que eu fui armei ao sol a minha tenda,/ Sol a morrer... Embebo os olhos, scismo”. Como se pode perceber por essa breve análise, predominam nesses versos a sugestão, o fantasmático, a noite, o sonho e um sujeito que se sente tão indefinido quanto o ambiente que o cerca.

Voltando à temática do sonho, que aparece dispersa nos poemas anteriormente analisados, destacam-se as sempre referidas colaborações de Mário de Sá-Carneiro e de Fernando Pessoa em *A Águia*.

Saindo da poesia para a prosa, temos no conto “O homem dos Sonhos” (Sá-Carneiro 1913: 150-155), de Sá-Carneiro, publicado em maio de 1913, uma personagem – sem nome – que dialoga com um perplexo narrador em primeira pessoa. O narrador se enche de espanto ao conhecer aquilo que lhe parece ser um bizarro “homem feliz”, que assim se confessava diante do estupefacto interlocutor. E a razão de sua felicidade estava no “ideal” que ele era capaz de alcançar sempre que desejava: “Vou sonhá-lo esta noite... Porque é sonhando que eu vivo tudo. Compreende? *Eu dominei os sonhos*. Sonho o que quero. Vivo o que quero”, afirma a personagem desta narrativa de Sá-Carneiro.

Outro texto que destacamos é “Na Floresta do Alheamento” (Pessoa 1913: 38-42), de Fernando Pessoa, referido em nota no periódico como trecho do *Livro do Desassossego*. Nesta prosa, um tanto lírica, várias imagens de sonho, nebulosas e vagas, denotam uma indefinição *impressionista*⁷ das figuras descritas:

Sei que despertei e ainda durmo. O meu corpo antigo, moído de eu viver, diz-me que é muito cedo ainda...

Sinto-me febril de longe. Peso-me, não sei porquê...

Num torpor lúcido, pesadamente incorpóreo, estagno, entre o sono e a vigília, num sonho que é uma sombra de sonhar. Minha atenção bóia entre dois mundos e vê cegamente a profundidade de um mar e a profundidade de um céu; e estas profundezas interpenetram-se, misturam-se, e eu não sei nem onde estou nem o que sonho.

(...) Sou todo confusão quieta. (Pessoa 1913: 38)

O sujeito está neste ambiente de sombras – entre um quarto indefinido e uma floresta sem formas –, em estado de vigília⁸. No fim do texto, o dia amanhece. Mas nada parece mudar. Os contornos do eu permanecem tão vagos quanto os daquele espaço oscilante. É no sonho que é possível a fuga da vida; é nele que, como no conto de Sá-Carneiro, encontra-se o ideal e a mais perfeita “imperfeição”.⁹

Das páginas da revista portuense, seguimos para a lisboeta *Orpheu*. Nela, serão destacados poemas de três escritores: Mário de Sá-Carneiro, Alfredo Pedro Guisado e Cortes Rodrigues.

Em “Distante Melodia” (Sá-Carneiro 1915: 13), o eu lírico do poema de Sá-Carneiro parece encontrar no sonho a possibilidade de lembrar-se de um “Tempo azul” vivido. Um tempo que lhe traz a sensação de leveza, de cores de ouro e de beleza. As imagens são de espaços pouco definidos, inseridos entre inesperadas justaposições de substantivos como em “tempos-Asa” e “terraços-liz”; mas a despeito dessas características formais mais indicativas dessa modernidade que se afirma em *Orpheu*, permanecem o vago e o sonho; permanece, também, o eu que não se consegue definir, alheado e inserido numa “Irrealidade” à semelhança do que se viu nos poemas e na prosa da 2.^a série de *A Águia*.

De Alfredo Pedro Guisado temos o poema “Recordando” (Guisado 1915: 48). O eu lírico em um sonho tem a possibilidade de ver uma sua vida passada, em que ele, “rei dos godos”, tinha seu império, em decadência. Neste caso, a interessante referência ao passado histórico português merece a atenção dos leitores. Apenas em rápida nota, importa lembrar que os chamados saudosistas eram constantemente criticados por seu olhar voltado para o

passado lusitano. Nestes versos, verifica-se ainda uma forte aura decadentista que se percebe em um eu lírico que viu domínios de outrora regressarem “mistérios” neste sonhar. Por último, vamos ao poema de Côrtes-Rodrigues, que também colaborou na segunda série de *A Águia*. Em “Agonia” (Rodrigues 1915: 65) o próprio título já fornece a chave para refletir sobre os versos que se seguem. O eu lírico ergue olhos “vagos” que parecem perdidos diante da “Distância do meu ser”. O sonho é “luz” e não traz sofrimento. Mas o eu lírico, como nos outros poemas citados, seja de *A Águia*, seja da própria *Orpheu*, revela-se perdido, e o sentimento de agonia, então, se explica na dor do *Ser* diante de um outro que ilumina e tortura a vivência desse sujeito poético.

Com esta breve análise, o que se pretende é apontar para a importância dos periódicos, e destes dois periódicos, mais especificamente, no contexto da mentalidade artística portuguesa nas primeiras décadas do século XX. Voltar o olhar para a produção literária dessas revistas permite perceber, para além de uma crítica um tanto cristalizada e repetitiva ou repetidora, o quanto pode haver, efetivamente, de comum nas práticas literárias dessas publicações que foram palcos de polêmicas diversas, de recusas e críticas, mas que foram, principalmente, dois dos mais importantes espaços de divulgação da cultura e da arte lusitanas do século passado.

Bibliografia

- Beirão, Mário (1913), “Ermos”, *A Águia*, Porto, 2.^a série, v. 3, n.14, p.58-59, fev. 1913.
- (1912), “O Vago”, Porto, 2.^a série, v.1, n.1, p.4, jan. 1912.
- Carneiro, Mário de Sá (1913), “O Homem dos Sonhos”, *A Águia*, Porto, 2.^a série, v.3, n.17, maio de 1913: 150-155.
- (1915), “Distante Melodia”, *Orpheu*, Lisboa, n.1, jan.fev.març.1915: 13.
- Galhoz, Maria Aliete (1980), *Orpheu*, Introdução, Lisboa, Ática, 3.^a ed.
- Guimarães, Fernando (2009), *História do Pensamento Estético em Portugal*, Lisboa, Presença.
- Guisado, Alfredo Pedro (1915), “Recordando”, *Orpheu*, Lisboa, n.1, jan.fev.març.1915: 48.
- Oliveira, Paulo Motta (1995), *Esperança e Decadência: As Imagens de Portugal na Segunda Série de A Águia*, Campinas, UNICAMP (tese de doutorado).
- Pereira, José Carlos Seabra (1979), “Trajetória estética e temática maior da poesia de Alfredo Pedro Guisado”, in *Do Fim do Século ao Tempo de Orfeu*, Coimbra, Almedina: 161-199.
- (1975), *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora.
- Pessoa, Fernando (1913), “Na Floresta do Alheamento”, *A Águia*, Porto, 2.^a série, v. 4, n. 20, ago. 1913: 38-42.
- Rocha, Clara (1985), *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Vila da Maia, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Côrtes-Rodrigues, Armando (1915), “Agonia”, *Orpheu*, Lisboa, n.1, jan.fev.març.1915: 65.
- Samuel, Paulo (1990), *A Renascença Portuguesa: Um Perfil Documental*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida.

Souza, Raquel dos Santos Madanêlo (2008), *Convergências e Divergências: Revistas Literárias em Perspectiva*, São Paulo, Universidade de São Paulo (tese de doutoramento).

Raquel Madanêlo Sousa: Professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Doutora em Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realiza pesquisas em periódicos portugueses do século XX.

NOTAS

¹ “Artigo 2.º: A Sociedade tem por fim promover a maior cultura do povo português, por meio da conferência, do manifesto, da revista, do livro, da biblioteca, da escola, etc.”. (Samuel 1990: 39).

² A 2.ª série de *A Águia* foi publicada de 1912 a 1921. Entre 1912 e 1920, ela foi editada no Porto; a partir desta data, a edição da revista passou a ser realizada no Rio de Janeiro, para onde o jornalista e secretário do periódico – Álvaro Pinto – havia transferido sua casa publicadora e onde esta série chegou ao fim, em 21.

³ “Se o marca, a *Orpheu*, o contacto com os manifestos das vanguardas, persiste-lhe algo da mais arraigada herança simbolista” (Galhoz 1980: XXXIV).

⁴ De maneira geral, essas são as temáticas mais recorrentes na 2.ª série de *A Águia*. Mas, a temática predominante, especialmente nos três primeiros volumes da revista portuense, relaciona-se ao Saudosismo. (Ver: Oliveira 1994 e Souza 2008).

⁵ Fernando Guimarães fala em “triunfo do vago” na modernidade, em *História do Pensamento Estético em Portugal* (2009: 77).

⁶ “Que existe além de mim?” (Pascoaes 1913: 7).

⁷ “O poeta, colocado perante o contorno físico, não o pinta, com cuidado realista, antes exprime o que vai dentro de si” (Pereira 1975: 347).

⁸ “De vez em quando pela floresta onde de longe me vejo e sinto um vento lento varre um fumo, e esse fumo é a visão nítida e escura da alcova em que sou atual, destes vagos móveis e reposteiros e do seu torpor de noturna” (Pessoa 1913: 38).

⁹ “Ali vivemos horas cheias de um outro sentirmo-las, horas de uma imperfeição vazia e tão perfeitas por isso, tão diagonais à certeza retângula da vida... Horas imperiais depostas, horas vestidas de púrpura gasta, horas caídas nesse mundo de um outro mundo mais cheio de orgulho de ter mais desmanteladas angústias...” (Pessoa 1913: 38).